

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO II — N.º 76 — Domingo, 21 de Novembro de 1954

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Prove...

CASALINHO

e terá escolhido o seu vinho!

AVENÇA

A PROPÓSITO

DAS CARTAS DE GARRETT

à viscondessa da Luz

PUBLICADAS NO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS»

Pelo Major JOSÉ DE SOUSA NUNES

POIS que tanto se exaltam as virtudes de D. Rosa de Montefar Infante, esposa muito digna do general e ministro de D. Maria II, permitam-me os leitores de «Notícias do Algarve» que diga as palavras do ilustre militar.

Confesso que tenho lido muita história, quer militar quer civil, e são muito raros os exemplos que conheço de valentia e de lealdade para com a sua pátria, os seus camaradas e os seus amigos, como os que deixou o general Joaquim António Velez Barreiros.

Nascido da Torre de S. Julião da Barra, em 25 de Novembro de 1803 e educado no Colégio Militar, foi promovido a alferes de infantaria em 1820, depois de umas provas brilhantes, iniciou o curso de engenharia.

Em 1823, tomou parte na expedição militar que foi à Baía, onde se portou com o maior denodo. De regresso a Portugal, em 1830, foi promovido a tenente e concluiu o curso de engenharia, pelo que teve passagem à respectiva arma.

Mandado reunir às forças da Ilha Terceira, que resistiam às tropas de D. Miguel, aí tomou um papel dos mais activos e gloriosos, entrando na batalha de 11 de

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

ELEMENTOS ESCLARECEDORES

PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

Novidades sobre De «World-Fishing», a pesca do atum transcrito pelo «Journal do Pescador», extraímos as duas seguintes locais sobre a pesca do atum:

«Segundo um estudo feito pelos Serviços de Pesca

MELHORAMENTOS locais

DEVE iniciar-se, dentro de dias, a demolição do prédio que faz esquina na rua Pinheiro Chagas com a rua Teófilo Braga, e que representa o principio das importantes obras que vão realizar-se naquele local, onde ficará situada a Praça da Misericórdia — um dos melhores e mais felizes arranjos urbanísticos da nossa terra.

e Vida da Natureza dos Estados Unidos, é possível aumentar-se bastante a pesca do atum, desde que se adoptem métodos especiais para apanhar os cardumes que se encontram a meias águas e que até hoje não foram explorados, e se pesque em novas zonas do Pacífico Central.

Afirma-se existirem poucas possibilidades de redução das despesas de produção por intermédio do aumento de esforço efectivo de cada membro das tripulações, pois a actual frota de atuneiros é composta de barcos em que poucos progressos lhes podem ser introduzidos. Existe, contudo, a possibilidade de reduzir despesas com a substituição da isca viva por isca sintética, pois 85 a 90% da mesma é importada do estrangeiro.

«A pedido do comércio de peixe de Queensland e da Federação Australiana dos Pescadores Profissionais, andam dois barcos a investigar os recursos da pesca do atum na costa les-

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

DESTINO E MISÉRIAS

DO ESCRITOR PORTUGUÊS

Por N. RODRIGUES PENA

EM Portugal, o escritor nunca gozou de grande prestígio ou popularidade. Basta pensarmos no destino trágico de Camilo ou Gomes Leal; o primeiro, enfrentando uma existência de sofrimento e penúria, resolveu estoirar os miolos com um tiro de pistola; o outro, reduzido a um farrapo burlesco, andou aí pelas ruas a divertir uma matula que, longe de apreciar os seus versos, se agarrava aos seus trapos e colaborava numa das maiores tragédias que jamais sofreu qualquer homem ou escritor portu-

guês. De Camões até aos nossos dias, um estendal de misérias, de opróbrios e maldições cobre os nossos homens de letras e artistas. Quando não era a fome que os acicava, era a prisão ou o Tribunal do Santo Ofício que os aguardava, recompensando-os assim dos serviços prestados à cultura nacional. Nós, portugueses, fomos sempre gente inclinada às situações extremistas, isto apesar da convencional e proverbial crença de que somos um povo de costumes brandos. Aqueles casos de escritores que fogem a este martirólogo são apenas excepções, casos isolados, meia dúzia de homens favorecidos pela sorte que, nos salões duma burguesia pacatíssima e dada a recitais e a chás, se ocupavam, de longe a longe, em soltar os lamentos tetricos do Soares dos Passos, e outros poetas que caíram no gota das meninas românticas do tempo.

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

ENGENHEIRO DUARTE PACHECO

DECORREU, em 16 do corrente mês, mais um aniversário — o 11.º — duma data infamada para a Nação Portuguesa e de luto para a nossa província. Nesse dia, entrara na História da Pátria, pela porta dum trágico acidente, um grande ministro, um grande português e um ilustre algarvio.

«Notícias do Algarve», representando o sentir de todos os vilarrealenses, desfolha uma pétala de comovida saudade perante a memória inesquecível de Duarte Pacheco, figura insigne de estadista-realizador, quemuito honrou e serviu Portugal e que foi também um grande amigo da nossa terra.

Conta Gotas

Por MARIA MANUELA NUNES

Trezentos mil quilómetros por segundo

Aquele industrial algarvio, dizem que no casino, só numa noite, estroizou com 300 contos. Fico aterrorizada, com vertigens, quando ouço coisas disformes: quarenta biliões de anos-luz, bacalhau a dezasseis escudos o quilo, velocidade de projecteis supersónica, trezentos mil escudos. Esta última, então! Ora, sou muito simples. Afinal, não é assim tanto que uma pessoa só, com boa vontade e tratando-se de uma obra útil, não possa gastar no decorrer duma noite.

A vida que vivemos

Os coleccionadores de lugares comuns têm mais este: a vida trepidante dos nossos dias. Faz parte da bagagem de qualquer cronista que se preze. Mentia se dissesse que ele me desagradava. No fundo, simpatizo até com ele. É um pouco cor-de-rosa, mas que diabo! A verdade não pode ser tomada senão homeopaticamente. É que há estómagos muito sensíveis. Começa-se por dizer, numa crónica, que a vida é trepidante; sempre há uma esperança de se ler, nas crónicas seguintes, aquilo que na verdade a nossa vida é.

Frequência

Espinho, com a sua bela piscina. Cheia de sol e qualquer coisa como 750 a entrada. A sr.ª D. Constança, conhecimento de hotel, sabem? — Então, sr.ª D. Constança, hoje não a vi na praia. — Ah! pois não. Nunca vou para a praia. Vou sempre para a piscina. Eu assumi a expressão que os novelistas baratos costumam representar por: — Piii... — Por causa do povinho, sabe? As praias não estão nada bem frequentadas.

Glência

No meu tempo, dizia-se que riqueza é o conjunto de bens e estes se classificam em bens livres e bens económicos. Bens económicos, aqueles para cuja obtenção se despende um certo trabalho; bens livres, os que podem consumir-se livremente. E destes últimos, dava-se como exemplo típico a água do mar.

Ora acontece que, em algumas praias dos arredores de Lisboa, é obrigatório o pagamento de um escudo por cada sessão de banho. E eu fico admirada dos progressos que o estudo da Eco-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)



Bernardo de Passos

EM S. BRÁS DE ALPORTEL

foi prestada

uma brilhante homenagem

A BERNARDO DE PASSOS

A SESSÃO solene comemorativa do 78.º aniversário do nascimento do grande poeta algarvio, Bernardo de Passos, que, como estava anunciado, se realizou no passado dia 29, em S. Brás de Alportel, sua terra natal, revestiu-se de invulgar brilhantismo.

A homenagem, que foi promovida pela Comissão Cultural da Sociedade Recreativa 1.ª de Janeiro, teve lugar no Cine-Teatro daquela vila. Presidiu à sessão o sr. dr. João da Silva Nobre, e usaram da palavra, em brilhante evocação do Poeta da Saudade, os srs. drs. Fernandes Lopes, José de Sousa Carusca, Maurício Monteiro e Henrique Balté, que também leu uma inspirada poesia escrita propositadamente para o acto, e ainda o sr. Francisco Clara Neves.

A menina Maria Antonieta Vidal Azevedo recitou poemas do homenageado, e o sr. Clara Neves e menina Arnalda Passos Pinto cantaram versos de Bernardo de Passos, musicados pelo sr. dr. Francisco Fernandes Lopes, ilustre compositor e musicógrafo, tendo a sr.ª D. Carlota Gago Neves feito os acompanhamentos ao piano.

Em nome da família, agradeceu o sobrinho do Poeta, sr. dr. Virgílio Passos, distinto escritor e jornalista.

II — SOBRE O FUTEBOL AMADORISTA

O ESPECTÁCULO E O DESPORTO

Pelo Eng. J. SILVA CARVALHO

NEM todas as razões expostas no nosso anterior artigo têm igual valor. Um parececem indestrutíveis; outras caem imediatamente pela base; outras são consequência lógica das anteriores. E... do lado dos amadoristas, ainda não apareceu quem pusesse o problema com a clareza devida, tocando-lhe no ponto nevrálgico. A discussão ainda não conseguiu fazer luz, talvez porque... a luz não convém a quem vive das penumbras!

Do choque de opiniões largamente postas na imprensa desportiva, resultou o público ficar convicto da necessidade do futebol-desporto e futebol-espectáculo, respectivamente, praticados por amadores e profissionais. Esta a tese que mais adeptos tem. As duas coisas em asquerosa promiscuidade constituem aquilo que Cândido de Oliveira classificou, e muito bem, de «regime de mentira». Para ele, o problema põe-se com suficiente clareza: Hoje não se admitem meios termos: Ou 8 ou 80. E vai mesmo mais longe: Preconiza o 8 e o 80, rigorosamente separados; isto é, amadores a um lado e profissionais a outro. Os clubes são livres de escolher o seu destino, segundo as suas possibilidades financeiras.

NATAL DO HOSPITAL

SABEMOS que, a exemplo do que se tem feito nos anos anteriores, a Liga dos Antigos Graduados da Mocidade Portuguesa, desta vila, pretende levar a efeito, no próximo mês de Dezembro, uma angariação de donativos destinados ao «Natal do Hospital».

Fazemos sinceros votos para que tão generoso empreendimento tenha, por parte do público, sem quaisquer distinções, o caloroso acolhimento que merece.

CORTEJO DE OFERENDAS a favor da Misericórdia

DE TAVIRA

O Cortejo de Oferendas que se realizou em Tavira, no domingo passado, foi uma verdadeira parada de Caridade.

Cerca de meia centena de carros, representando todas as freguesias daquele populoso concelho, percorreram as ruas da cidade até ao largo fronteiro ao Hospital, onde, numa tribuna armada propositadamente para esse

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

evento, entre vários, aquele inolvidável «Belles de Nuit» (O

O lema do sr. Cândido de Oliveira resume-se a este conceito simplista: Quem não pode, arreial! Amadoras passarão a ser todas as organizações desportivas que arrearrem...

O público concorda com tudo isto, porque pensa que o profissionalismo é uma realidade em todos os países e, além disso, es-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

CALENDÁRIO DE LISBOA

UM FILME DE RENÉ CLAIR

FOI um grande acontecimento artístico a exibição de «À nous la liberté», na sua versão integral, sem legendas, durante a semana retrospectiva do Cinema Francês que está a decorrer no Condes. A sala encheu-se por completo, à cunha, de um público entusiasta e conhecedor que no final tributou uma espontânea e vibrante salva de palmas a uma das maiores obras-primas de cinema que ainda me foi dado ver.

Já conhecia diversas obras de René Clair. Obras essas que todo o público português conhece, obras que me tinham entusiasmado e deliciado. Recordo, entre vários, aquele inolvidável «Belles de Nuit» (O

Vagabundo dos Sonhos), uma obra-prima de frescura, de ironia e de graça, para não falar em mais.

Mas de «À nous la liberté» apenas lera em diversos livros da especialidade a sua excepcional categoria que até inspirara a Chaplin um dos seus filmes mais famosos: «Tempos modernos». Em Portugal, inexplicavelmente, o filme de Clair não pôde ser exibido, apesar da sua anunciada estreia para o S. Luis. Só agora, passados 20 anos, é que o público português, o público da capital, note-se bem, o pôde apreciar numa única sessão, numa sessão que decerto não se repetirá...

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

COLUMBOFILIA

UMA ENTREVISTA COM O SR. DR. MANUEL VARGAS

INDO ao encontro dos desejos dos desportistas algarvios, procurámos o distinto amador columbófilo, sr. dr. Manuel Pereira Fernandes Vargas, a fim de lhe apresentarmos algumas perguntas indiscretas sobre o desporto que, com tanto entusiasmo e brilho, pratica.

Com a amabilidade que lhe é característica, acedeu ao nosso desejo, afirmando:

— Muito gostosamente, pretendo satisfazer o vosso desejo, fazendo as minhas considerações e desejando que delas algo de proveitoso fique vinculado na men-



Dr. Manuel P. Fernandes Vargas

te de todos os apaixonados por esta modalidade de desporto.

— Pode dizer-nos desde quando possui pombos correios? — perguntámos.

— Há 4 anos, visitei um pombal de pombos correios

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

«PORTUGAL D'AQUÉM

E D'ALÉM MAR»

COM o número referente ao mês de Setembro, que acabamos de receber, completou o seu 17.º aniversário a interessante revista «Portugal d'Aquém e d'Além Mar», valioso órgão de propaganda das actividades nacionais e das nossas províncias ultramarinas. Por tal motivo, apresentamos ao distinto jornalista, sr. Manuel dos Santos Guerra, seu director, editor e proprietário, os nossos cumprimentos de felicitações, com sinceros votos de muito mais longa vida para a revista que tão brilhantemente dirige.

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Encontra-se a passar uma temporada em Lisboa o nosso querido amigo e prezado assinante, sr. António Cordeiro Marques da Costa, provedor da Santa Casa da Misericórdia de Castro Marim.

Com pouca demora, esteve em Olhão o nosso estimado amigo e assinante, sr. dr. José Pimenta Formosinho, ilustre director do Museu Regional de Lagos.

Incorporado nas forças expedicionárias que viajaram a bordo do «Serpa Pinto», chegou a Mormugão, na Índia Portuguesa, o 1.º cabo, nosso conterrâneo e prezado assinante, sr. José Herculano Leiria.

Regressou da capital, aonde fôra consultar a medicina, o nosso amigo e prezado assinante, sr. Norberto Bento Domingues, industrial nesta vila.

Encontra-se, há dias, em Lisboa, por motivos de saúde, a sr.ª D. Felisbela da Costa Campinas, esposa do nosso amigo e estimado colaborador, sr. António Vicente Campinas.

Esteve nesta vila, onde tivemos o prazer da sua visita, o nosso estimado colaborador, sr. Mendes de Carvalho, residente em Lisboa.

Teve a gentileza de visitar-nos, na nossa Redacção, o nosso prezado assinante, sr. Pedro de Freitas, distinto publicista, residente no Barreiro.

Com curta demora, esteve nesta vila, de visita a sua família, o nosso prezado conterrâneo e assinante, sr. Isaurindo Branquinho Parra, residente em Faro.

Nascimento

Deu à luz, no passado dia 7, uma criança do sexo feminino, a sr.ª D. Maria Emilia dos Mártires Félix Cardoso, esposa do nosso prezado assinante, sr. Joaquim da Costa Cardoso.

Mãe e filha encontram-se, felizmente, bem.

No passado dia 7, deu à luz uma criança do sexo masculino a sr.ª D. Maria Julieta dos Reis Helena Mendes, esposa do nosso prezado assinante, sr. António da Conceição Mendes.

Mãe e filho encontram-se, felizmente, bem.

Tinturaria Portuguesa

APARTADO N.º 21
MATOSINHOS

Calendário de Lisboa

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

René Clair realizou-o em 1932. É uma das mais violentas sátiras sociais que ainda se fez em cinema. Uma ironia profunda exalta-se de cada cena, um apelo significativo parece chamar os espectadores a prestarem atenção às misérias sociais. A lógica por vezes cai no absurdo, e os dois por sua vez na fantasia burlesca. O sonho completa-se com a realidade, mas de tal forma que só fica sendo realidade. A miséria junta-se com a riqueza e as duas com a desgraça. E no meio disto tudo, a relação angustiante entre uma prisão e uma fábrica... entre presos e operários...

Na prisão, o trabalho é mecânico e certo. Cada preso tem a sua missão a cumprir. Tudo está escrupulosamente marcado, a hora da comida é esta, a hora de dormir é aquela. Os presos só caminham em turnos, enquanto uns vêm do trabalho, outros vão entrando nas oficinas. E todos apenas sabem uma canção de cor: «À nous la liberté»...

Na fábrica, tudo é automático, desde a máquina que regista a entrada dos operários até à mesa rolante onde estes se sentam a trabalhar. E que trabalho?! Apertar um parafuso num determinado furo que vem numa pequena forma rectangular, de minuto em minuto, e que para apenas o tempo mínimo para o operário o colocar. Se alguém se descuidar, como aconteceu àquele desgraçado sonhador... As mesas da cantina também são rolantes. A comida vem automaticamente, ninguém pode demorar-se a comer a sopa... Tudo isto é pungente, desumano, irreal. Mas Clair conse-

Falecimentos

Joaquim Pedro da Silva Negrão

Faleceu em Lagos, no passado dia 16, o sr. Joaquim Pedro da Silva Negrão, de 55 anos, viúvo, proprietário, natural daquela cidade, onde residia.

O extinto era pai dos srs. Rui Corte Real Negrão, aspirante da Escola Naval; Victor Corte Real Negrão, cadete da Escola do Exército, e Luís Corte Real Negrão, proprietário. Era, também, cunhado do nosso prezado amigo e assinante, sr. Francisco de Mendonça Corte Real, proprietário em Lagos e no Algoz, do sr. dr. João Moniz Nogueira, médico em Faro, e do sr. major Josino da Costa Azevedo, professor do Colégio Militar.

O extinto, que frequentou a Faculdade de Medicina de Coimbra, não chegou a concluir a formatura, tendo-se dedicado à vida agrícola. Durante muitos anos exerceu o cargo de presidente da Câmara Municipal de Lagos, tendo sido, também, correspondente de vários jornais, agente de bancos e firmas comerciais e industriais.

À família enlutada, e em especial ao nosso prezado amigo sr. Francisco Corte Real, apresentamos sinceras condolências.

Maria do Carmo A. de Almeida

Em Lisboa, onde residia, faleceu, em 17 do corrente, a sr.ª D. Maria do Carmo Anselmo de Almeida, de 70 anos, viúva, natural desta vila.

A extinta era mãe do sr. Anselmo de Almeida, escrivão, irmão do nosso prezado amigo e assinante, sr. Aurélio Anselmo, e cunhada da sr.ª D. Carlota de Almeida Barbosa e do sr. Francisco de Almeida Mortágua.

À família enlutada, apresentamos os nossos pésames.

Rosa Maria

Com a avançada idade de 98 anos, faleceu, nesta vila, no passado dia 15, a sr.ª D. Rosa Maria, viúva, natural desta vila, onde residia. Era mãe das sr.ªs D. Adeline e D. Ermelinda Fernandes.

Este funeral esteve a cargo da «Casa Funerária», de Emiliano Viegas.

Felismina Maria da Cruz

Com 80 anos de idade, faleceu, no dia 18 deste mês, a sr.ª D. Felismina Maria da Cruz, natural da freguesia de Espírito Santo, concelho de Mértola, e residente nesta vila.

A extinta era mãe do nosso prezado assinante, sr. João da Cruz Plancharde.

Às famílias enlutadas manifestamos o nosso sincero pesar. Este funeral esteve a cargo da «Casa Funerária», de Emiliano Viegas.

NÃO HESITE

Para os seus trabalhos tipográficos ou carimbos

PREFIRA A

TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS
Telefone 59 Apartado 3
Vila Real de Santo António

que dar-lhe um sentido irónico, flagrante, pois condena impiedosamente a máquina que escravizou o homem, que fez dele um dos seus braços... mecânicos.

Por vezes, sátira magistralmente o próprio homem. Não o homem-operário, que ele sempre mostra com carinho, com humanidade, mas sim o homem-patrão, todos os homens-de-negócios. Uma das cenas finais é um prodígio de análise psicológica. Durante a sessão de inauguração das novas instalações da fábrica, a assistência, quase tudo industriais e muitas senhoras elegantes, é assediada, a certa altura, por uma verdadeira chuva de notas de mil francos, vindos de uma mala abandonada num dos telhados. A ventania é enorme e as notas batem com violência nos rostos impávidos dos assistentes, que parecem não sentir nada. Mas daí a pouco, o delírio daqueles senhores de chapéu alto e fraque a correrem como posses atrás das notas para as apanhar!

René Clair é assombroso. Um dos maiores valores da cinematografia mundial. Um realizador que sabe o que quer, para onde vai e o que faz. Clair, com «À nous la liberté», conseguiu que as atenções mundiais se virassem também para o Cinema Francês, pois os americanos, nessa altura, com a descoberta do sonoro, pareciam ter monopolizado toda a indústria cinematográfica. «À nous la liberté» foi o primeiro filme sonoro francês...

António Machelra

ELEMENTOS ESCLARECEDORES PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

te de Queensland. As operações devem durar dois meses e são dirigidas pelo Director das Pescarias do Dominio. Este organismo vai ensinar os pescadores a exercerem, com eficiência, a pesca do atum».

Produções de No ano passado, o Algarve produziu

63.513 hectolitros de azeite, dos quais 33.022 de 4 a 8 graus, e 10.807 de mais de 8 graus. O total do azeite desta elevada gradação produzido no País foi de 16.928 hectolitros, incluindo o Algarve. A nossa provincia é, portanto, aquela que produz o azeite em maior quantidade, sendo de lamentar que não se tomem medidas que ponham cobro a esta lamentável situação.

46 toneladas de lã branca e 7 toneladas de lã preta produzidas no Algarve, o ano passado.

Pesca e No mês de Setembro, o País exportou 4.779.003 quilos de conservas de peixe, no valor de 74.348.583\$00.

Foram também exportados 452.954 quilos de conservas de produtos hortícolas, no valor de 3.394.860\$00 e 121.410 quilos de conservas de azeitonas, no valor de 1.254.014\$.

Em Junho, os portos continentais que mais pescaram foram Lisboa, Leixões e Vila Real de Santo António, tendo sido as vendas, respectivamente, de 18.156, 6.516 e 5.491 contos.

O desaparecimento F. C. Godwin publicou no «Primeiro de Janeiro»

a local que vamos transcrever, acerca do desaparecimento da costa californiana do que ali se designa por «sardinha»:

«Um jornalista americano acaba de publicar um artigo muito interessante, em uma das principais revistas americanas, a respeito do rápido decaimento, quase, na verdade, extinção, da que foi outrora a grande indústria da pesca na Califórnia. Efectivamente, no dizer desse jornalista; essa indústria chegou a ser a maior, em tonelagem, da América do Norte, e toda ela constituída por sardinhas. O ano de 1936 foi o culminante, com uma pesca, durante esse ano, de 791.000 toneladas mas depois, e durante certo tempo, estabeleceu-se à volta de 500.000 toneladas por ano. Depois da última guerra, porém, a pesca começou a diminuir, até que em 1950 a indústria recebeu um golpe decisivo em consequência do desaparecimento do peixe. A pesca, nos anos de 1952 e 1953, foi apenas de 5.000 toneladas por ano. Os 25.000 empregados na cidade de Monterey tiveram de procurar emprego noutra parte; fecharam 135 fábricas, ao passo que a frota, de cerca de 300 traineiras, no valor cada uma de 50.000 a 100.000 dólares, ou se estão a deteriorar ou desapareceram. Os consumidores americanos lamentam agora a extinção de um artigo importante como era a sardinha de conserva.

A sardinha desapareceu, pode dizer-se, completamente.

Para onde foi? Tal o mistério, que muitas pessoas, tanto funcionários do governo como comerciantes, estão a procurar resolver. Tudo o que se pode afirmar é que as sardinhas continuam abundantes no Sul, mas em águas mexicanas. Desde 1948, têm-se gasto cerca de 700.000 dólares, para se tentar solucionar o mistério, mas, se é certo que se obtiveram muitas informações de carácter científico, nenhuma delas esclarece o que aconteceu.

A indústria da sardinha é muito importante para a economia de Portugal, de forma que este artigo assume um interesse fora do comum. Deve recomendar-se à consideração dos meios oficiais e comerciais e, apesar de não apresentar conclusões, por agora, o decorrer das investigações deveria ser seguido com o maior interesse. Talvez, um dia, um grupo de conservadores portugueses julgue que valerá a pena equipar um par de barcos, um em estação e outro para andar de um lado para o outro para recolher a pesca de um grupo de traineiras a pescar sardinhas em águas baixas, fora dos limites territoriais, ao largo da costa da África do Norte. Não seria possível e não valeria a pena experimentar viveiros em águas baixas e quentes perto de Setúbal, Aveiro e Viana?»

A fixação do preço para a sardinha

Efectivamente, este ano tem sido muito abundante a pesca da sardinha e, apesar das grandes encomendas de conservas deste saboroso peixe, tem-se registado, ultimamente, em todas as lotas, uma desvalorização de certo modo impressionante e que afecta armadores e pescadores. De uma «carta de Portimão», publicada num jornal alentejano, extraímos os seguintes períodos em que se foca a necessidade da fixação do preço para a sardinha:

«Este ano foi um dos mais férteis de sempre na quantidade de pescado vindo à lota do cais, que não talvez na cifra atingida pela venda desse mesmo pescado, uma vez que este foi quase sempre vendido a um preço incrivelmente baixo, dada a impossibilidade de colocação de todo o peixe. O facto, de muita importância em si mesmo, originou ainda um problema que desajustamos ver resolvido pelas autoridades competentes, já que se trata de algo de muito peso, não só na balança económica regional, mas também nacional: — a fixação de um preço padrão para o peixe matéria prima, visto que muitas vezes, apesar de se pescar em abundância, quase que não vale a pena aos armadores vendê-lo a um preço relativamente insignificante.

Achamos oportuna a resolução deste problema, pois se trata de uma enorme riqueza nacional, com que lucra quase que exclusivamente a indústria de conservas.»

Por sua vez, «República», apreciando o que se está a passar em Setúbal, termi-

UMACARTA E UMA EXPLICAÇÃO

COM referência a uma carta do sr. dr. Francisco Fernandes Lopes, publicada no n.º 71 deste jornal, recebemos do sr. Pedro de Freitas, com o pedido de publicação, uma resposta, da qual transcrevemos o seguinte:

«As passagens dessa carta:

1.ª «...ao correctivo que tive que aplicar aos seus dislates de toda a ordem»;

2.ª «...quem sabe se o dito individuo (eu) armando-se em vítima para efeito de maior publicidade do tal canhenho de memórias...» e,

3.ª «Tome lá nota deste pormenor, para a próxima falsificação»; venho publicamente responder:

1.º — Aos rapazitos é que fica bem o vocábulo «correctivo».

2.º — Para a publicação das minhas «Memórias», não tinha que recorrer a expedientes indignos. Não uso essa ignominiosa arma! Essa obra literária, escrita por ferroviário e oferecida à sua classe, só dela estariam dependentes os elementos financeiros para a respectiva publicação. É uma refinada maldade a hipótese desse individuo!

3.º — Quanto ao «tome lá nota deste pormenor, para a próxima falsificação», que o autor da carta ali emprega, entre parênteses, com sentido indirecto e duplo — repilo com toda a energia a intenção de me atingir. Eu é que poderia servir-me dos elementos que possuo, desde a carta anónima às duas cartas dos «gatafurnhos» do naturalíssimo disfarce, para afirmar quem é o autor desses infamantes documentos que recebi; mas, como tenho sempre por norma jogar pelo certo, aqui fico aguardando os acontecimentos.

Crendo ter dito o suficiente para a devida ilicitação dos leitores que leram a carta desse «individuo», creia-me, sr. Director, muito grato pelo obsequio solicitado.

Pedro de Freitas

Com esta explicação do sr. Pedro de Freitas, consideramos o assunto liquidado, nestas colunas, pelo que não voltaremos a occupar-nos dele, seja a que pretexto for.

Não sofra mais de

HÉRNIA

NÃO USE MAIS A SUA FUNDA QUE LHE PROVOCA O AUMENTO DAS HÉRNIAS DEIXANDO-AS ESCAPAR SEMPRE QUE TOSSE, ESPIRRA OU SE MOVIMENTA

FAÇA A SUA VIDA NORMAL USANDO A FUNDA

BARRÈRE

DE PARIS

Garantia de continência perfeita e cômoda das suas hérnias

Aproveite a passagem do Especialista Barrère em:

NOVEMBRO

FARO: Farmácia Higlens - DIA 27

PARA ENSAIAR GRATUITAMENTE OS NOVOS MODELOS

Ensaio e catálogos grátis

INSTITUTO BARRÈRE DE PORTUGAL LISBOA

R. Nova de Trindade, 6-1.º

TELEF. 24198

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA

de Vila Real de Santo António

De 12 a 18 de Novembro:

TRAINEIRAS

Sam Domingos	96.660\$00
Infante	60.690\$00
Flor do Guadiana	58.105\$00
Tufão	48.730\$00
Flor do Sul	40.950\$00
Liberta	37.020\$00
Maria Rosa	33.720\$00
Raulito	31.610\$00
Deolinda Rita	26.130\$00
Tôluz	24.950\$00
Pérola do Guadiana	23.540\$00
Bátnha	17.090\$00
Persistente	14.630\$00
Janita	13.360\$00
Restauração	5.945\$00
Jomanel	5.690\$00
Noroeste	2.130\$00
Oeste	985\$00
Total	541.945\$00

CERCOS

Novo S. José	16.547\$00
Novo Machado	1.160\$00
Total	17.707\$00

Movimento de Navios no Porto

de Vila Real de Santo António

de 12 a 18 de Novembro:

Entrados:

GRANDSON, Suíço, de 616 ton., de Leixões, com carga em trânsito.

ZÉ MANEL, de 926 ton., e COSTEIRO, de 629 ton., Portugueses, ambos de Lisboa, vazios.

BERNI NUBEL, Alemão, de 764 ton., de Almeria, com carga em trânsito

CORVO, Português, de 773 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.

Saídos:

GRANDSON, Suíço, com conservas, para Génova.

BERNI NUBEL, Alemão, com cortiça, para Londres.

ZÉ MANEL e COSTEIRO, Portugueses, ambos com minério, para Lisboa.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 20 a 26 de Novembro, a Farmácia CARMO, Rua S. João de Brito - Telefone 31.

Tinturaria Portuguesa

APARTADO N.º 21
MATOSINHOS

TRADUÇÕES E CORRESPONDÊNCIA

em Francês, Italiano, Espanhol, Inglês e Alemão (Comercial ou Técnica), executado em m/ casa, em máquina nova própria, com rapidez e discreção.

F. MORAIS RODRIGUES

Rua Miguel Bombarda, 30
Vila Real de Santo António

Emissora Nacional

Informamos os nossos leitores de que o Emissor Regional do Sul da Emissora Nacional se encontra já a trabalhar em nova metragem.

Estamos de parabéns todos, e, em especial, os algarvios, que vão poder ouvir nitidamente os programas de Lisboa 1, esperando, dentro em breve, aumentar de potência, conforme informou o sr. António d'Éca de Queiroz, digníssimo director da E. N., ao nosso prezado colega «A Voz de Loulé».

A tiragem e a expansão de «Notícias do Algarve» justificam a preferência dos seus anunciantes e oferecem segura garantia duma útil e proveitosa publicidade.

A ILUSTRADORA LIMITADA

Rua de S. Paulo 232
LISBOA

TELEF. 25764

Foto-ZINCO
TRICROMIA
FOTOGRAVURA
ZINCOGRAVURA
E
DESENHO

Assine o «Notícias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia!

SECÇÃO DE CINEMA

POR VITORIANO ROSA

Hoje, 21, e amanhã, 22, Cine-Foz apresenta, a indiscutível obra de Charles Chaplin (Charlot), **LUZES DA RIBALTA**.

«Luzes da Ribalta»

A montagem de «Limelight» não ficou completa antes do fim do verão de 1952. O filme não era um drama cómico como «Monsieur Verdoux» (O Barba Azul), nem mesmo uma comédia dramática como «A Woman of Paris» (Opinião Pública). É um drama puro, quase uma tragédia. E pela primeira vez, Chaplin aparece com a cara nua e sem nenhuma tentativa de composição pela maquilhagem. Agora, a sua nova personalidade es

é completamente desligada das suas antigas composições, à parte alguns intermédios mais ou menos cómicos e alguns números de «music hall».

«Limelight», que se situa em Londres, no princípio da guerra de 1914, desenrola-se, quase inteiramente, nos bastidores e no mundo dos «music-halls», sem comportar um quadro de guerra ou da sociedade inglesa no seu conjunto. Chaplin aparece sob a figura de Calvero, um actor de variedades que envelheceu e que, depois de ter conhecido a glória e a fortuna, já não consegue fazer rir tão bem o seu público. Os contrastos são cada vez mais raros. Vive num pequeno apartamento modestamente mobilado. Para esquecer e para se dar também um pouco de coragem, quando afronta os seus últimos espectadores, Calvero bebe um pouco demais e mais vezes do que seria para desejar. Voltando um dia, um pouco tocado, Calvero sente um cheiro de gás, na escada. Arromba a porta de um quarto, onde a jovem Terry (Claire Bloom) tentou suicidar-se. Está salva, e Calvero instala-a numa das duas divisões do seu apartamento. Ouve as razões desse suicídio falhado. Terry sonhara ser uma grande bailarina, mas a paralisia atacou-lhe as pernas: jamais poderá realizar o seu sonho.

Calvero reanima a moça. Demonstra a Terry que a sua paralisia é puramente imaginativa. A bailarina, curada, é contratada para um grande bailado, em que ele tem um papel cómico muito secundário. O bailado é um triunfo para Terry, que propõe a Calvero que case com ela. Mas ele sente-se demasiado velho e julga-a apaixonada pelo jovem compositor Neville (Sidney Chaplin, seu filho). Sem dar uma resposta, vai juntar-se a uma mísera companhia de músicos de rua...

Depois de algum tempo, Terry encontra de novo Calvero. Torna-se grande vedeta e persuade o director de um importante «music-hall» de organizar uma noite de caridade, em que Calvero terá um número. Calvero prepara minuciosamente a sua entrada. Aparece com um dos seus velhos parceiros (Buster Keaton, Pamplinas), numa série de números estonteantes em que é, nomeadamente, domador de pulgas, mendigo refilão e violinista desastrado. As suas entradas obtêm um sucesso crescente. Uma nova carreira vai poder abrir-se para o grande Calvero.

Uma última pirueta fá-lo cair, deliberadamente, no meio da orquestra. A proeza leva ao auge o triunfo de Calvero. Mas o velho não consegue sair da caixa do

bombo em que caiu grotescamente. O coração, doente, não resistiu ao excesso de trabalho, nem ao álcool com que se embriagara. Levam o velho actor para os bastidores, onde morre, enquanto, na cena, Terry triunfa mais uma vez no bailado.

Georges Sandoz

(in *A vida de Carlitos*—Dist. em Portugal: «Livros Horizontes»—Apartado 818—Lisboa).

A carrola de «Luzes da Ribalta»

Apresentado no Eden e no Tivoli, simultaneamente, com profundos cortes, para diminuir a duração da película e permitir aos referidos cinemas, dar 3 sessões diárias, «Luzes da Ribalta» motivou violentos protestos da imprensa diária e da especialidade, e foi retirado da circulação.

Repосто, há pouco tempo, outra vez no Eden, na sua versão integral, esta ainda não é a versão exacta. Tantos tinham sido os bocadinhos cortados—afirmou Jorge Pelayo—que os autores dos cortes não souberam ou não quiseram ter o trabalho de os colocar no devido lugar.

Apesar disso, o sucesso de «Luzes da Ribalta» tem sido enorme. Há pouco tempo ainda, ao ser exibido em Faro, o filme motivou em Olhão uma grande excursão em camioneta, feita sem esforço, pelos admiradores do grande Chaplin.

A semana do cinema francês

Terminou, em Lisboa, a semana organizada pela Unifrance-Film, que foi bastante criticada por Eurico da Costa, no «Diário de Lisboa», e José Augusto França, no «Diário Popular». Na exibição privada da «Rue de Lestrapade» no Tivoli, antes de ser estabelecido o debate sobre o filme, Lopes de Oliveira criticou também ao sr. Jacques Flaud, director-geral da Cinematografia Francesa, sobre a escolha de obras de reduzido valor artístico.

Lamentavelmente limitada a Lisboa, a «Semana» não pôde suscitar interesse na província. Apenas a «Imagem» se viu com um número especial dedicado ao cinema francês, mas, talvez por elaborado à pressa, o seu panorama do moderno cinema francês omite realizadores importantes, como Louis Daquin, Jean Dréville e Nicole Vedrás, que bem mereciam ser estudados, tanto ou mais do que outros que aos redactores da «Imagem» mereceram atenções demasiadas e sem motivo.

Isto não quer dizer que não tenha interesse o número agora publicado. Muito pelo contrário, o seu esforço merece toda a simpatia.

PRÉDIO

VENDE-SE

Na Rua Cândido dos Reis, 31, nesta vila.
Propostas ao dr. Luis Bernardino da Silva—Olhão.

Admissão aos Liceus e Escolas Técnicas

EXPLICAÇÕES DE FRANCÊS E INGLÊS HABILITA-SE

Informa-se, na Rua Barão de Rio Zézer, 58—Vila Real de Santo António.

CINE-FOZ

Este cinema apresenta, quinta-feira, 25, um grandioso espectáculo, *Medo súbito*, com John Crawford e Jack Palance.

Nunca se apresentou um conjunto de reacções de tão grande poder emocional, numa obra-prima, na difícil arte de manter as emoções em suspensão.

(Espectáculo para maiores de 18 anos).

RELÓGIOS

O MAIOR SORTIDO AS MELHORES MARCAS
A MELHOR GARANTIA OS MAIS BAIXOS PREÇOS

RAMOS & MATEUS
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TEATRO DE AMADORES

«AS DUAS MÁSCARAS»

de Eduardo Schwalbach, pelo Grupo Cénico

DO GLÓRIA FUTEBOL CLUBE

Na passada quarta-feira, dia 17, foi posta em cena, no palco do Glória Futebol Clube, pelos amadores do Grupo Cénico «Gil Vicente», daquela agremiação, a peça «As Duas Máscaras», do grande dramaturgo Eduardo Schwalbach.

Peça clássica do teatro português, que nos apresenta, simultaneamente, os lados dramático e grotesco da vida, exige, para uma fiel interpretação, elevada soma de qualidades por parte dos seus intérpretes.

Os amadores do grupo cénico do Glória estiveram quase à altura dos seus papéis—o que já é muito bom, para amadores...—, sendo, todavia, de salientar a actuação de José Medel e Maria José Calé. Jaime de Oliveira revelou interessantes qualidades e bastantes progressos, desde a sua última representação. É aconselhável, todavia, um pouco de moderação nos gestos—e no excesso de «dramatismo».

Pode dizer-se que a interpretação, no conjunto, agradou, pois foi evidente como todos se esforçaram por «cumprir» o melhor que puderam e souberam.

O «fim de festa», bem organizado e com música escolhida, deu uma nota alegre ao espectáculo. Se «fifias» houve, todos viram que não foi por mal... e a prova disso é que todos os números foram aplaudidos com entusiasmo.

Muito agradável, no entanto, a voz de Narciso Fernandes, e deversas simpáticas a actuação do pequeno Leonildo Nunes.

Na próxima quarta-feira, a peça será novamente levada à cena, sendo de esperar que obtenha êxito semelhante ao desta primeira representação.

A. de Mendonça

CASA

Vende-se, localizada na Rua Cândido dos Reis, n.º 163, desta vila.
Tratar na Avenida da República, n.º 118.

CASA

Aluga-se, na Rua Jardim José de Andrade.
Tratar no n.º 83 da Rua Miguel Bombarda.

Holland-America Line



AGENTES GERAIS
CARLOS GOMES & C.ª L.ª
4, L. VITORINO DAMÁSIO — LISBOA
TELEF. 668087 (3 LINHAS)

SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZACOALCOS, TAMPICO, NEW ORLEANS, MOBILE, Ala., HOUSTON E GALVESTON

O vapor rápido

«ALMDYK»

carrega em LISBOA em 26 de NOVEMBRO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partidas de Rotterdam:

«DALERDYK» — 10 de Dezembro



DESPORTO

FUTEBOL

Campeonato Distrital da I Divisão

LUSITANO, 4 — BOA ESPERANÇA, 3

Árbitro: Armando de Sousa, Faro.

Lusitano: Rodrigues; Rui, Saniña e Pescada; Lopes e Agostinho; Almeida, Travassos, Antunes, Estêvão e Mateus.

B. Esperança: Carruna; Albertino, Galhardo e Garganta; José João e José Rosa; Salvador, Roque, Duarte, Granadeiro e Camarinha.

Resultado do 1.º tempo: 4-2. Marcadores: Lopes, Antunes (2) e Travassos, pelo Lusitano; Duarte e Camarinha (2), pelo Boa Esperança.

O Lusitano não conseguiu repetir a exibição fácil do domingo anterior, deixando transparecer dificuldades perante a aguerrida oposição do antagonista.

A partida começou numa toada de equilíbrio e com os sectores atrasados evidenciando falta de ligação, o que valeu a obtenção de 4 tentos—dois para cada lado—logo nos primeiros quinze minutos.

Marcando em primeiro lugar, o Lusitano não conseguiu, desta vez, dispor do adversário, porque este não tardou a resposta, tanto no primeiro como no segundo golo, originando a incerteza que a princípio não se esperava.

Passada a primeira meia hora e com a defesa local um pouco mais certa, puderam os avançados alcançar a margem tranquilizadora de dois tentos com que foram descansar para as cabines.

Dado o desacerto dos defensores, como já salientámos, era de prever que no segundo tempo o marcador funcionaria com regularidade, pois o Lusitano, encarregado para a vitória, poderia tirar partido dessa posição, para jogar sem preocupações, exibindo o melhor do seu futebol.

Foram, porém, os visitantes que conseguiram marcar o único golo do segundo tempo, minorando a desvantagem, numa reacção entu-

siástica, que nos deixou uma das poucas notas agradáveis deste encontro.

Apreciando a actuação das duas equipas, parece-nos que, em conjunto, elas se equivaleram, num nível bastante medíocre. O resultado deixa supor valorização dos sectores atacantes, mas, na realidade, essa valorização não foi mais do que a consequência lógica da inferiorização dos defensores. Individualmente, não encontramos figuras dignas de realce; parece-nos que a todos será possível fazer melhor.

A arbitragem foi a surpresa do encontro... muito boa!

J. C.

Outros resultados:

S. Lisboa e Faro-Louletano . 3-2
C. F. Esperança-Silves . . . 2-2

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	B	P
LUSITANO.	2	2	—	12	3	4
Silves.	2	1	1	—	5	4
S. L. e Faro.	2	1	—	1	2	2
B. Esperança	2	—	1	1	6	7
Louletano	2	—	1	1	5	6
Esp. Lagos	2	—	1	1	2	10

Jogos para hoje:

Louletano - LUSITANO
C. F. Esperança - S. L. e Faro
Boa Esperança - Silves F. C.

FUTEBOL

Hoje, no Campo «Francisco Gomes Socorro», pelas 15 horas, realiza-se um grandioso encontro de futebol, entre as equipas dos estudantes e dos empregados do comércio.

Campeonato Nacional II Divisão (Zona Sul)

OLHANENSE, 0 — FARENSE, 3

Isaurindo foi a grande figura do encontro

O Futebol é assim mesmo. Quem havia de dizer que os farenenses viriam a Olhão arrancar dois pontos? Embora no jogo não haja lógica, temos a certeza absoluta de que ninguém dava a vitória ao Farense. No entanto e contra todas as previsões, os briosos rapazes da capital ganharam em Olhão, por 3-0, e merecidamente. O Estádio Padinha registou com este jogo a maior enchente da época, pois deslocaram-se da capital inúmeros automóveis, autocarros, etc...

O S. C. Olhanense com esta derrota, um tanto pesada, perdeu todas as suas aspirações, mas a derrota com o Farense não deve tirar a moral dos olhanenses, pois já era tempo de virem a Olhão ganhar! Se não estamos em erro, foi

a primeira vitória dos farenenses no Estádio Padinha, de há doze anos a esta parte. Em jogos oficiais, claro...

Podíamos limitar-nos a dar os marcadores dos golos, e estava a história deste jogo feita; entretanto, queremos fazer alguns comentários sobre este «derby».

A partida valeu, sobretudo, pelo futebol praticado nos primeiros 45 minutos. Os dois grupos desenvolveram intensa actividade, delineando excelentes jogadas e não se esquecendo de rematar. Daí a esgotante tarefa a que se viram forçados ambos os redutos defensivos. Foi, na verdade, Isaurindo o guardião que mais teve que fazer neste período, demonstrando, através de excelentes remates de Poeira, Rangel e Vinício, a sua íngeval classe.

Embora o Olhanense tivesse, neste período, rematado mais às redes, foi o Farense, a jogar com o factor sorte, que marcou três golos, por Vinuesa, que Abraão podia ter defendido; por Fernandes, nas próprias balizas, e por Balela num autêntico fora de jogo, de Queimado.

Ao fim, temos de aceitar justa a vitória, mas não por 3-0, porquanto o Olhanense, não jogando em grande plano, teve também oportunidades flagrantes de ter feito um ou dois golos. A vitória do Farense, por uma bola de diferença, estaria mais de harmonia com o futebol produzido por ambas as equipas.

Ganhou o Farense, porque soube adoptar uma tática adequada ao encontro. Jogou com um interior recuado e Celestino não deixou o único momento Del Duca, dificultando assim o trabalho do argentino, ao passo que o Olhanense não soube aproveitar-se da maneira como Vinuesa estava a actuar, deixando a defesa Tavares sempre à vontade o espanhol. Foi Vinuesa, sem discussão, o melhor avançado do Farense, juntamente com Isaurindo, os obreiros da excelente vitória.

Nada mais há a dizer deste encontro, em que o Farense jogando enérgicamente, com vontade e galhardia, bateu a lentidão do Olhanense. Foi realmente preciosa e justa a vitória dos farenenses. Levaram para Faro a grande vitória que lhes dará bastantes possibilidades de se classificarem para a fase imediata. A arbitragem do sr. Joaquim Campos foi imparcial, mas não deixou de ter graves erros, especialmente a marcação do 8.º go-

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila:
MANUEL DA SILVA DOMINGUES
Avenida da República
— Telefone 12 —

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

Direcção-Geral dos Combustíveis

EDITAL

Eu, António Alfredo Sanches de Castro da Costa Macedo, engenheiro-chefe da 2.ª Repartição da Direcção-Geral dos Combustíveis:

Faço saber que João Bernardino Pires pretende obter licença para uma instalação de armazenagem de óleos combustíveis, com a capacidade aproximada de 16.000 litros, sita junto à E. N. n.º 125, ao Km. 144,250, Sítio do Buraco, freguesia de Cacula, concelho de Vila Real de Santo António e distrito de Faro.

E como a referida instalação se acha abrangida pelas disposições do decreto n.º 29.034, de 1/10/34, que regulamenta a importação, armazenagem e tratamento industrial dos petróleos brutos, seus derivados e resíduos, e pelas do decreto n.º 36.270, de 9/5/47, que aprova o Regulamento de Segurança daquelas instalações, com os inconvenientes de mau cheiro, perigo de incêndio e derrames, são por isso e em conformidade com as disposições do citado decreto n.º 29.034, convidadas as entidades singulares ou colectivas a apresentar, por escrito, dentro do prazo de 20 dias, contados da data da publicação deste edital, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta repartição, Avenida Miguel Bombarda, n.º 6, em Lisboa.

Lisboa e Direcção-Geral dos Combustíveis, em 25 de Outubro de 1954.

O eng.º-chefe da 2.ª Repartição
António da Costa Macedo

Está triste?
A vida corre-lhe mal?

«XARA ALEGRE»

Revista de BOM HUMOR
PUBLICA-SE NOS DIAS 4 E 15 DE CADA MÊS
Apenas por 4\$00, obterá boa disposição por 15 dias.

Quer ter personalidade,
coisa muito procurada?
Ouça, então, que é bem verdade:
use «VIRESA» e mais nada!



Confecções Viresa, L.ª
FÁBRICA DE CAMISAS
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

lo do Farense, autêntico fora de jogo.

Partimonense, 3 — Coruchense, 1
O espanhol Rueda produziu bom trabalho

No Estádio do Partimonense, jogou, no domingo, a simpática equipa de Coruche, num jogo que foi correctamente disputado e ganho, merecidamente, pelos algarvios. Ao intervalo, as equipas encontravam-se em igualdade. O sr. Santos Marques fez uma excelente arbitragem.

Herouliano Valente

Tinturaria Portuguesa

APARTADO N.º 21
MATOSINHOS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

tá de acordo com o modo de agir duma sociedade acostumada a lançar mão de todos os subterfúgios para ganhar a vida. E na verdade, vistas as coisas sob este prisma, não há nada mais amoral do que impedir o futebolista de usufruir de rendimentos que o fanatismo de certos «carolas» lhe mete pela casa dentro.

Neste ponto, a tese dos profissionais parece inatacável. E isto, porque os amadoristas não se mostram dispostos a analisar o futebol como um fenómeno da sociedade, susceptível de se reflectir nela. Por outras palavras: A polémica amadorismo - profissionalismo está longe de ser uma polémica desportiva, e carece de ser tratada nos meios extra-desportivos.

Por isso, a objecção que domina tudo ainda não foi maculada e põe-se sempre, intangivelmente vencedora: Porquê reprimir a amoralidade no futebol, fechando os olhos aos devaneios duma sociedade que, metade dela, carrega como um peso morto a Nação?

Os jornais amadoristas (e nós conhecemos pelo menos um, em Portugal) não têm procurado responder a esta objecção. Nos seus artigos, limitam-se a rodear o problema, afirmando que o futebol profissional, uma vez legalizado, retirará o público do futebol amador. Por outro lado, este, perdidos os seus melhores jogadores, sucumbirá, desaparecendo assim o principal mercado de recrutamento onde os clubes grandes compram os atletas feitos.

Este é o argumento n.º 1, já posto em letra redonda infinitas vezes, debaixo de todas as formas e feitios, alternando com um outro, também imensamente cansado, à força de ser escrito e transcrito, que considera a remuneração um meio tendente a transformar o desportista num ser inútil para o trabalho, na medida em que lhe proporciona um nível de vida fictício e pouco duradouro.

De facto, a prática não desmente o conceito. Infelizmente abundam os exemplos de antigos jogadores, que hoje são indivíduos inadaptados na sociedade, porque esqueceram o pouco que sabiam de seus officios, e já não sabem trabalhar com rendimento nem são capazes de progredir. O que perdura, e isso até à morte, são os vícios adquiridos naquele tempo em que as pernas permitiam contratos vantajosos...

Tudo isto é verdade, mas... a tese do sr. Cândido de Oliveira (e dos seus apunhados) continua de pé: Se os toureiros levantam fortunas duma corrida, porque negar um ordenado ao futebolista, em paga dos jogos que efectua?

Será caso que a tese amadorista, mesmo rodeada de excessos de moralidade, não tem defesa?

Segundo e conforme. Se o futebol é um espectáculo, aquele que o mantém tem direito a que o considerem profissional, assim como o actor, o «boxeur» e o toureiro. E' caso para se dizer: Haja moralidade ou... comam todos!

E neste se resume a incógnita principal deste intrincado problema. O futebol, no fim de contas, é um espectáculo ou um desporto? A resposta, como se vê, não pode ser leviana. Dela depende o desfecho lógico da luta entre dois partidos inconciliáveis, e também o futuro dos clubes pequenos que, por agora, se arrastam agonicamente sob a tutela da actual orgânica do desporto português.

Em próximo artigo, definiremos a nossa posição. Mas como isso só por si não basta, diremos as razões onde ela se baseia.

J. Silva Carvalho

CORTEJO DE OFERENDAS

EM TAVIRA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

fim, assistiram ao desfile os srs. eng. Mascarenhas Galvão, illustre governador civil do Algarve, capitão Jorge Ribeiro, presidente da Câmara Municipal de Tavira, comandante Henriques de Brito, provedor da Misericórdia daquela cidade, e muitas autoridades civis e militares.

Entre os donativos recebidos, avultam um de 10.000\$00, dado pelo sr. Ministro do Interior, outro de 5.000\$00, dado pelo chefe do distrito, e uma ambulância, no valor de 30.000\$00, oferecida pelo sr. comandante Henriques de Brito — e que foi, sem dúvida, de todas as oferendas, a que mais profundamente sensibilizou o povo do concelho de Tavira.

Visado pela Comissão de Censura

Noticias do Algarve

SEMENARIO REGIONALISTA

ANO II N.º 76

DOMINGO

21 - Novembro - 1954

Director

João A. Dias Pena

Editor e Proprietário

Armando R. Cruz

DESTINO E MISÉRIAS

DO ESCRITOR PORTUGUÊS

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PÁGINA)

Casos de autêntica popularidade não existem na nossa literatura. Bogaça deve a sua divulgação às soezes e torpes anedotas que lhe atribuíram e correm ainda aí, a colocar nas bocas gargalhadas alvares dos que as repetem ou ouvem. Outro caso da popularidade foi o Guerra Junqueiro, o Junqueiro da *Velhice do Padre Eterno* que, em poemas de panfletarismo rubro e gritante, ia ao encontro dum anticlericalismo bem vincado na consciência do nosso povo, produto das arbitrariedades e abusos dum clero, que prestava mais atenção às coisas de César do que às de Deus.

O escritor português, na verdade, nunca gozou de grandes favores neste país, que paradoxalmente, com ou sem razão, é considerado com um alfobre de poetas. Se abertamente não o hostilizam, também não lhe prodigalizam benesses, acabando risonhamente por tolerá-lo como um bicho bissonho, evadido de ideias excêntricas, e lamentando todos que um homem se dedique a tais desperdícios, quando, na verdade, poderia aplicar a sua actividade e inteligência em tarefas que oferecessem avultados réditos e fartos pingues. O nosso povo, pelo que me tem sido dado apreciar, ganhou até uma relutância ou uma tenebrosa superstição por todo o homem que manuseia livros. Certamente, lá tem as suas fundadas razões, pois na verdade, isto de intelectualidade e povo são coisas que têm trilhado caminhos diferentes.

Um dia, um velho amigo, um ex-camponês quase analfabeto, entrou-me em casa e, ao deparar com três centenas de livros, misero espólio literário que conseguí arranjar à custa de outras privações, não se conteve e acabou por me dizer, numa voz magoadá: «Sempre os livros, os livros... Rapidamente, compreendi o significado do seu angustiioso grito. Ele, misero analfabeto, conseguira guindar-se, amealhara uns patacos que o punham a coberto da doença, da invalidez, dos maus dias, enquanto sabia que a vida continuava a acariciar-me com umas mãos demasiado pesadas.

Eu olhei para as prateleiras dos livros, senti-me um tanto desencorajado, e naquele momento desprezei os Schopenhauer, derrota e os Marden, simplórios e optimistas como uma rapariga de quinze anos. Ora, com uma mentalidade destas, o escritor português não pode, de maneira alguma, esperar grandes coisas da vida nem esboçar grandes projectos para um futuro que se apresenta sempre contingente e duvidoso. O escritor José Rodrigues Miguéis, disse algures «que a vida, entre nós, mata o escritor.» E isso tem muito de verdade. Homens que dediquem a sua vida inteira à arte de escrever, em Portugal, contam-se pelos dedos. Geralmente, o escritor português é o homem dos sete officios, o músico que toca dezenas de instrumentos. E como a vida de cada homem é relativamente curta e não se compadece com a dispersão por actividades diferentes, o resultado é sempre o mesmo: o infeliz sonhador, que idealizou uma obra, acaba por vegetar aí em qualquer lugar burocrata, que, ao fim e ao cabo, é ainda um belo nicho, que o salvaguarda da penúria e da miséria. E, não conseguindo tornar-se um bom escritor, também dificilmente o infeliz dá um bom funcionário ou um bom profissional. Porque, em literatura, nós ainda não passámos do amadorismo. Somos um país de habilitados, onde todos têm muito talento, mas, na verdade, quase todos não passam das tentativas mais ou menos auspiciosas e prometedoras. O nosso escritor, salvo as conhecidas e raríssimas excepções, cristalizou-se nesses gestos vagos e incipientes. Não atinge a verdadeira maioridade no seu officio, porque isso exige uma considerável despesa de tempo, um trabalho persistente e aturado, um consciente programa, que já não admite a improvisação, «a meia bola e forças», o apelo para a inspiração e outras tantas tolices que, de maneira alguma, podem ajudar a realização duma autêntica obra. E daí, e não de outros quaisquer

factores, provém todo o carácter da nossa literatura fragmentada, mal urdida e mal raciocinada, tecida de observações apressadas e de pensamentos mal elaborados. O trabalho do escritor, aliás, nunca foi verdadeiramente apreciado. Aqueles que encaram a arte exclusivamente como uma actividade lúdica, um passatempo dos ócios do homem, encontram, neste país, provas concludentes da sua afirmação. Já Fialho, no seu tempo, se lamentava da ridicularia que lhe deram pelo seu trabalho de escritor, em largos anos de actividade: *Dos resultados materiais do meu trabalho acérrimo, baste a V. saber que nem logro auferir da pena o sustento necessário, ganhando menos que um carpinteiro ou um pedreiro, e tendo de resignar os meus gastos a condições de parcimónia que só eu sei os mistérios perante os quais forçoso me foi abdicar de todas as aspirações e vanglórias, que entram por meio na confecção da alegria, e são neste mundo o factor principal da felicidade.* E Fialho, que não era um «curioso» dos assuntos literários, nem um amador das letras, continuava no seu tom serrazador, mas justo: *Tenho publicado até hoje seis volumes de contos e bluettes, cujas materias somadas perfazem alguma coisa como mil novecentas e tantas páginas compactas. Quer V. saber quanto me deram os editores por toda esta bagagem? Seiscentos mil réis. O que representa uma paga a três tostões por página, menos da metade do salário do mais reles e ignaro tradutor de Ponson du Terrail ou Xavier de Montepin.* Isso disse-o Fialho, que foi alguém na literatura portuguesa. Mas mesmo que o não dissesse, o caso de Camilo era elucidativo. E não digam, diabo, que Camilo não tinha talento.

Pois o autor da *Corja*, para se ver livre dos credores, até por mais duma vez se viu obrigado a colocar em leilão a sua biblioteca. E todos sabem a dor que representa para um escritor o desfazer-se dos seus livros! E Camões? E Gomes Leal? E tantos outros, para quem um país, que sempre apresentou como uma das suas maiores virtudes o seu amor ao espírito, deixou, afinal, para seu desprestígio e vergonha, morrer esses homens na penúria e miséria.

Triste e funesto, o destino do escritor em Portugal!

Rodrigues Pena

AS CARTAS DE GARRETT

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

Agosto de 1829, e noutras que tiveram lugar nos Açores.

Acompanhando o exército libertador, que desembarcou nas praias de Mindelo, soube conquistar as simpatias de D. Pedro e de Saldanha, sob cujas ordens directas combateu, e de tal forma se houve que, de posto em posto, por distinção, chegou a tenente-coronel em 1834.

Em 1837, foi nomeado nosso adido militar junto da pequena rainha de Espanha, Isabel II, em guerra com seu tio D. Carlos. Vendo as tropas de D. Isabel em má situação, lançou-se no combate a favor delas, sem nenhuma obrigação de o fazer, caindo gravemente ferido, na batalha de Arlaban, pelo que obteve as maiores honras que podem ser concedidas a um guerreiro naqueles países, e foi promovido a coronel.

Em 30 de Agosto desse ano, casou com D. Rosa Montefar Infante, de 17 anos de idade, filha dos

COLUMBOFILIA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

e fiquei encantado com os lindíssimos exemplares que tive ocasião de admirar. Foi-me oferecido um casal das simpáticas e úteis aves, por um amigo e grande conhecedor da modalidade, sr. André Simões, tendo sido então que iniciei os meus primeiros passos.

— Quantos possui, actualmente? — Cerca de 70 a 80 pombos, o que considero um número muito elevado. Uma colónia muito numerosa é prejudicial à prática da modalidade, pois prejudica a criação da «forma» e a assistência. E' claro que uma colónia constituída por 70 a 80 pombos não permite uma grande assistência, tanto em tempo de concursos como em épocas de criação e muda.

— Quais as origens dos melhores pombos que possui? — Tenho, na colónia que compõe o meu pombal, exemplares de variadíssimas origens, principalmente elementos trazidos dos pombais do sr. eng. Vaz Guedes, dr. Joaquim Vairinho, dr. Eduardo Mansinho, José Maria da Silva, Jorge Rosado, José Rodrigues, Manuel André Simões e André Roque.

Confesso que, neste labirinto de boas raças e linhagens, não cultivo nenhuma. Para mim, já não existem sangues puros. A selecção dum pombal deve basear-se, portanto, nas características físicas dos diferentes exemplares que constituem as diversas colónias.

— O sr. dr. tem utilizado algum dos adjuvantes de forma artificiais?

— E' corrente a maior parte dos columbófilos confundirem, adjuvantes de forma com o que vulgar-

mente se chama «drogas». São coisas distintas e cujos efeitos são também muito diversos. A forma é o resultado de «super-saúde», provocada pela administração de substâncias ou produtos tendentes a aumentar o poder de assimilação.

Os produtos de que mais faço uso são os preparados vitamínados, glucose, licor de Fowler, urtigas brancas, sais de Carlsbad, pilulas Souveraines e de Fond, salsa-parrilha, etc.

— Pode dizer-nos quais os métodos que emprega e aquele que considera mais eficaz?

— A resposta a essa pergunta deixa-me embaraçado, visto eu praticar os dois sistemas: «viuve» e «natural» e, com toda a sinceridade, confesso que tanto um como outro dão bons resultados, desde que preparemos bem os pombos.

— Quais as sementes que utiliza como base de alimentação, nos períodos de muda e campanha?

— E' muito extensa e completa a resposta a esta pergunta, se me reportar ao que tenho lido nos diferentes tratados estrangeiros da especialidade.

Tentarei expor as bases da alimentação que utilizo, a qual me foi aconselhada pelo grande columbófilo taviense e meu muito prezado amigo, sr. Jorge Rosado. Como ração de muda: 5 litros de milho, 5 de fava, 1 de ervilha, 1 de arroz, 5 de trigo, 3 de ervilhaca e 1/2 de linhaça.

Nos períodos de concurso, as percentagens variam, em cada dia da semana, baseadas, no entanto, e por ordem: trigo, ervilha, milho, ervilhaca e cevada.

— Acha que o calendário único melhorou o aspecto desportivo da campanha?

— Sem dúvida alguma, concordo em absoluto com o calendário único. Mas, para lhe dar o meu completo acordo, é preciso que os pombos sejam acompanhados, e não desprezados, por um delegado que vigie a condução dos cabazes, alimentação e a maneira como é feita a solta. Os chefes das estações de Caminhos Ferro, apesar da sua boa vontade, não podem, em virtude dos muitos afazeres, atender a todos os pormenores necessários. A não ser com delegados, rejeito «in limine» o calendário único.

— Espera manter, certamente, o prestígio alcançado este ano e até manter o seu já brilhante «palmarès» desportivo?

— Confesso que a campanha última foi, de facto, para mim admirável. Sin-

mais foi incomodado, e passou a ter o acolhimento da parte da baronesa, como se lê nas suas cartas publicadas no «Diário de Notícias».

Só a ingenuidade de quem nunca praticou o mal podia consentir em ser tão vilmente enganado, sem o merecido castigo.

Major Sousa Nunes

to-me satisfeito com os resultados que obtive. E' muito mais difícil do que à primeira vista se nos afigura conduzirmos a preparação dos nossos concursistas para podermos obter bons resultados. E' muito difícil conhecer-se de pombos correios, e, com sensatez, nunca se deve afirmar poder obter-se melhor, na nova campanha a efectuar.

— Para terminar, pode o sr. dr. dizer-nos quais os adversários que considera mais difíceis de bater?

— Nada posso dizer, e é esta a razão que torna este desporto muito interessante, pois que por vezes há surpresas e perdem-se concursos por segundos. Confesso que, honestamente, não se pode afirmar qual é o adversário mais difícil de bater, pois considero todos em igualdade.

— Muito obrigado, sr. dr. Vargas, pela gentileza com que nos atendeu. Certamente que, das suas palavras, algo de proveitoso resultará para os principiantes na modalidade.

André Roque

Estabelecimento de voluntários

PARA O EXÉRCITO

EM 1955

NOS termos dos artigos 42.º e 43.º da lei n.º 1.961, todos os indivíduos que em 31 de Janeiro de 1955 tenham 18 anos de idade completos, sabendo ler, escrever e contar correctamente, poderão ser alistados no Exército, no próximo ano, como voluntários. Os requerimentos, dirigidos ao sr. Ministro do Exército, devem ser entregues até ao dia 10 de Dezembro, na unidade ou Escola Prática em que os interessados desejem prestar serviço.

Conta-Gotas

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

nomia Política tem feito, nos últimos tempos.

A prima Augusta

Gorda que ela era, e agora... Bom, mas em pouco tempo, em pouco mais de 15 dias. O médico disse que era não sei o quê, um daqueles palavões que só os médicos sabem, para se convencerem de que sabem muito. De qualquer modo, a C. agora não pode trabalhar, não pode nem sequer mexer uma palha.

A família mantinha-a na esperança de uma cura rápida. O que pode acontecer, aliás. Mas veio visitá-la a prima Augusta, de Azeitão. «Estás bem arranjada—dizia-lhe a prima Augusta. Isso não tem cura. A minha mãe tinha a mesma doença, e morreu com um sofrimento horrroso.»

A família ficou escandalizada com a prima Augusta e a prima Augusta ficou escandalizada com a família. «Ora esta! então a gente da cidade pensa que não morre nunca? Que fica a guardar os patos ao senhor prior?!»

VINHOS

Aguardentes e licorosos 100%. Antes de comprarem, consultem sempre o TREZE — Cartaxo.